

ciclo de
educação
inclusiva



e-Book



SISTEMA DE ENSINO
POSITIVO

Sumário

03 Carta de apresentação

04 Para refletir...

07 Lives

08 Indicações

11 Perguntas

Carta de apresentação

Prezada equipe diretiva, prezados professores:

Este documento dá continuidade aos e-books de 2021 e 2022 desenvolvidos pela equipe pedagógica do Sistema Positivo de Ensino (SPE). O objetivo é disponibilizar o material produzido durante os encontros do Ciclo de Educação Inclusiva que aconteceram ao longo do ano de 2023, cujo foco foram as adaptações do material didático de cada segmento, visando uma melhor aprendizagem para os alunos, com base nas habilidades individuais e não nos diagnósticos.

Este e-book é composto de textos reflexivos sobre o tema, links das gravações das lives, sugestões de livros e filmes e respostas às perguntas feitas por meio do chat, para ampliar as discussões nas escolas, instrumentalizando as equipes pedagógicas conveniadas, e alcançar o maior número de pessoas interessadas em aprender, pensar e melhorar o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os alunos.

Esperamos que este material gere reflexões e criatividade pedagógica para tornar a aprendizagem de nossos alunos mais eficiente e produtiva!

Para refletir...

O que fazer quando não se sabe o que fazer?



A educação inclusiva é um assunto cada vez mais presente nas escolas como algo novo, com o qual não sabemos muito bem como lidar, mas o fato é que a Constituição Brasileira (de outubro de 1988) já falava sobre a Educação Básica ser um direito de TODOS. Acontece que a população excluiu da escola as crianças com qualquer tipo de “diferença”, seja pela proteção da família, ao não querer expor seus filhos, seja pela falta de informação, ou qualquer outro motivo. A escola ficou alheia às diferenças. Nossas crianças foram padronizadas em estereótipos de normalidade, e a sociedade se acostumou com isso.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394) reforçou este direito, afirmando ser dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”, porém, em seu comodismo, ou até em função da rotina corrida, a escola se apoiava no termo “preferencialmente” e encaminhava as famílias dos candidatos que apresentavam diferenças mais marcantes, para as escolas especiais, com o discurso: “Não estamos preparados para atuar com seu filho, seria melhor você procurar uma escola especializada, que vai conseguir dar toda a atenção de que ele precisa!”. Esse discurso, de falta de preparo, foi o argumento mais utilizado para negar matrículas.

Mas depois de 2001, com o Decreto n. 3.956, que instituiu as diretrizes nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, foi preciso sair da zona de conforto e entender que a escola precisa cumprir seu papel, de ensinar para TODOS.

A questão virou caso de polícia, as famílias passaram a exigir seus direitos e as escolas precisaram se adequar e receber todos os alunos. Mas mais do que isso, precisaram aprender como lidar com as diferenças, despadronizar nossas crianças, pensar em estratégias individuais.

O problema é que, ainda em 2023, muitos professores, às vezes reforçados por suas lideranças, continuavam reproduzindo o discurso de que não estavam preparados e não sabiam como atuar com determinadas “diferenças”. O que fazer quando não se sabe o que fazer? A resposta, com certeza, não é deixar de lado, tirar da sala de aula, jogar para outra pessoa que saiba o que fazer.

É preciso achar solução para cada demanda. E as melhores soluções são sempre as mais simples, aquelas que vêm carregadas de empatia e boa vontade. Nenhum professor conhece todos os distúrbios, transtornos e deficiências. Mesmo que conhecesse, ainda haveria as diferenças individuais em cada diagnóstico, além de diagnósticos associados. Então, como saber o melhor a fazer?

É necessário dar voz ao aluno, ouvir, perceber o que é fácil e o que é difícil para cada um. Tentar se colocar no lugar dele, mas entendendo que sua maturidade é diferente, então tentar entender como essa criança se sente em cada uma das situações vividas. Imaginar o que você faria se essa criança fosse seu filho, como você gostaria que conduzissem a situação com ela? Além disso, vale buscar referências específicas, como cursos, livros, artigos, entre outros.

Depois de ouvir, sentir, imaginar, estudar e hipotetizar, é preciso trocar ideias com outras pessoas, professores, especialistas e familiares, para pensar junto, criar estratégias e escolher as mais simples e objetivas, para garantir que serão colocadas em prática.

É fato que os professores por vezes não têm tempo para seguir todas essas etapas o tempo todo, então é necessário criar uma rotina de momentos de trocas, possibilidades de circular informações para minimizar trabalho e tempo. Lembrando que esse tempo gasto não é um tempo perdido, mas o tempo dedicado a melhorar a aprendizagem do aluno, a colocar em prática o que a profissão propõe como principal objetivo e, mais do que isso, garantir que um aluno se sinta mais feliz e acolhido em sala de aula, o que aumenta a autoestima e proporciona segurança para seguir em frente.

Esse é o propósito de nossa profissão, preparar os alunos para a vida, de forma saudável, feliz e integrada!

Wania Emerich Burmester

Professora, pedagoga, psicopedagoga, mestre em Psicologia da Educação com ênfase em Ciência Cognitiva, pesquisadora do Grupo EIDEP (Escarização Inicial e Desenvolvimento Psicológico) e especialista pedagógica do Sistema Positivo de Ensino.

Para refletir...

Carta aberta para o Gabriel*



Muito se fala sobre o quanto o professor pode influenciar a vida de seus alunos, mostrando-lhes que há um mundo gigante lá fora e que as oportunidades são infinitas para quem está disposto a abraçá-las. Entretanto, quem me mostrou um universo até então não totalmente conhecido foi você.

Era meu primeiro dia de aula – de muitos –, só que desta vez como professora. Cheguei à sua sala ansiosa e com todos os questionamentos das professoras ainda muito jovens e sem experiência: Será que vão gostar de mim? E se algum aluno me fizer uma pergunta que eu não saiba como responder? E se eu gaguejar? Eram tantos os “e se” que passavam naquele momento em minha cabeça que eu me perguntava se ia conseguir olhar para a turma e seguir em frente com o propósito que me fez escolher ser professora anos antes: o de ensinar toda a beleza que eu enxergava na Língua Portuguesa.

No entanto, com certeza o “e se” mais importante eu ainda não havia imaginado: E se o meu aluno aprender de uma maneira diferente da qual eu estou preparada para ensinar? Naquele tempo, a inclusão não era um tema amplamente discutido nas faculdades e escolas e, ao conhecer você, percebi que precisava reaprender como ensinar. Eu precisava compreender como um jovem com Síndrome de Down poderia se beneficiar de tudo o que seria proposto para aquela turma do 7º ano. Não sabia como avaliar um garoto que tinha 14 anos que não era formalmente alfabetizado. Não sabia quais eram os seus direitos dentro da escola e nem mesmo que eu deveria sim esperar de você avanços ao longo do ano. Como disse, pouco ou nada se falava sobre a inclusão de alunos que são pessoas com deficiência na escola.

Enquanto dava aulas em sua escola, recebi uma proposta para acompanhar para um adolescente de 15 anos que, como você, tinha Síndrome de Down. Só que o Matheus*, diferente de você, tinha trabalhos, provas, tarefas de casa, namorada, grupo de amigos, era convidado para festas com jovens da mesma idade e participava da divisão da organização da casa em que morava com sua família. Um adolescente como qualquer outro da sua idade, com seus direitos e deveres. Eu fiquei encantada com ele e com sua família, que não mediam esforços para que Matheus se desenvolvesse todos os dias. E fiquei me perguntando como eu poderia contribuir para que você pudesse se desenvolver como Matheus.

Você me mostrou que havia muito trabalho a ser feito e que, para eu ser a professora que sempre sonhei e que me formei para ser, precisava compreender muito mais do que gramática, literatura, acentuação e como montar um planejamento. Eu precisava compreender como você aprendia e trazer propostas que ressignificassem o que já sabia e o que ainda poderia aprender. Era como se eu tivesse que acompanhá-lo ao atravessar uma ponte e no meio do caminho deixar que você seguisse, pois era capaz de caminhar sozinho.

Naquele mesmo ano me inscrevi na minha primeira pós-graduação, que foi em Educação Especial com Ênfase em Inclusão. Eu também precisava que alguém me ajudasse a atravessar a ponte e busquei quem pudesse me orientar. Lá aprendi que cada aluno é único e que não existe uma única forma de ensinar. É preciso sim estudar, compreender a necessidade/barreira de cada um, quais são suas afinidades e como percebem o mundo. Eu pensei muito em você durante aquelas aulas, buscando respostas para todas aquelas perguntas que me fiz quando fui sua professora. Vi que poderia ter feito muito mais por você, mas o tempo não ia voltar e de nada adiantaria eu me lamentar por não saber como ajudá-lo a atravessar a ponte na época. Eu poderia contribuir para o desenvolvimento de todos os outros meninos e meninas que seriam meus alunos.

Após esse período de estudo e reflexão, abracei uma nova oportunidade: fui trabalhar em uma clínica que atendia crianças com autismo que exigiam bastante apoio. Nesse novo cenário, aprendi que a comunicação faz toda a diferença e que se o aluno não compreende o que dizemos e nós não compreendemos as necessidades dele, não haverá conexão e não haverá desenvolvimento. Aprendi que muito do que chamamos de comportamentos inadequados são o recurso que a criança utiliza para comunicar que algo não estava agradável. Foram muitos os aprendizados, mas com certeza esse foi o mais importante.

Anos depois trabalhei no que chamamos de “escola especial” e conheci pessoas que me ensinaram que amor é enxergar o outro, e não apenas vê-lo. O amor nasce ao descobrir como vencer cada dificuldade. Amor é acolhimento. Amor é ouvir o que não foi claramente dito.

Uma dessas pessoas foi Bárbara*, uma mulher de 41 anos que gostava da cor azul e gel com glitter no cabelo. Ela era uma pessoa vaidosa e sempre me pedia que pintasse suas unhas. Havia sido abandonada pela família em um abrigo ainda na infância e embora não conseguisse compreender a dor que isso lhe causou, buscava atenção das maneiras mais indesejáveis possíveis. Eu nunca havia amado uma pessoa que não fosse da minha família até conhecê-la. Eu nunca havia trocado uma fralda antes até perceber que o incômodo dela era a fralda suja. Eu nunca tinha dado banho em uma criança, mas auxiliava uma mulher de 41 anos, pois ela não conseguia sozinha. Mesmo recebendo um salário abaixo da média, ia até a farmácia em busca do gel de que ela gostava, o que tinha glitter. Amor também é querer ver o outro feliz. Todos os meus amigos e familiares conheciam Bárbara por meio dos meus relatos. nos tempos de hoje, talvez sua história fosse diferente. Talvez sua família a tivesse amado como eu a amei.

Bárbara foi para outro plano há uns anos e a dor que a notícia me causou enche até hoje meus olhos de lágrimas. Se ela nascesse.

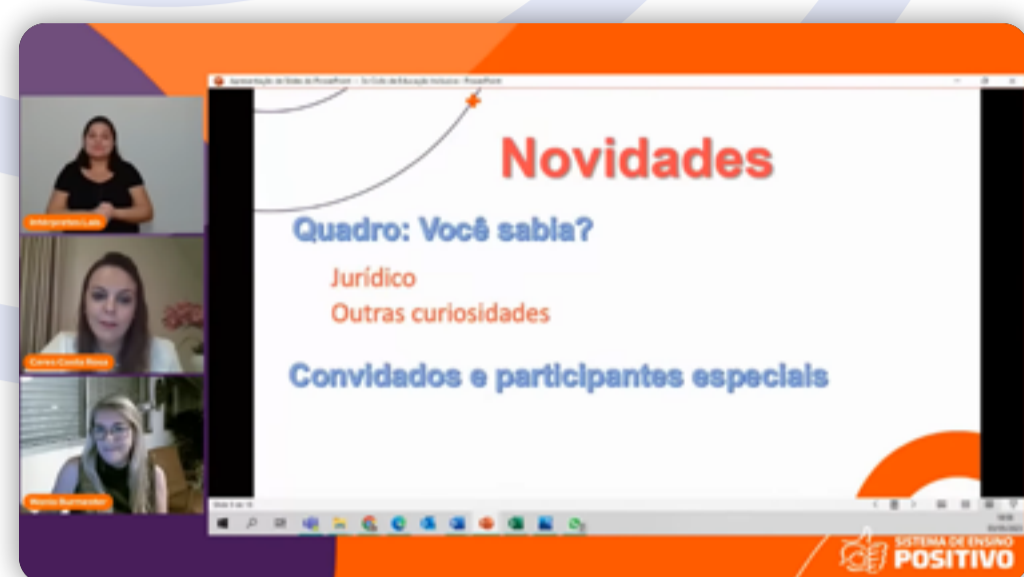
Eu queria te dizer, Gabriel, que nada seria possível até aqui se eu não tivesse conhecido você. Se todos os dias eu escrevo um capítulo na minha trajetória sobre a importância de incluir todos os alunos na escola é porque tive o privilégio de ser sua professora. Agradeço por ter me mostrado como ser uma pessoa melhor a cada dia e me despeço desejando que você tenha alcançado autonomia para atravessar a ponte. Desta vez, sozinho.

Graziella Serafim

Professora de Língua Portuguesa com especialização em Educação Especial com Ênfase em Inclusão, Transtornos da Aprendizagem, Psicopedagogia e PLE (Português como Língua Estrangeira) e consultora pedagógica no Sistema Positivo de Ensino

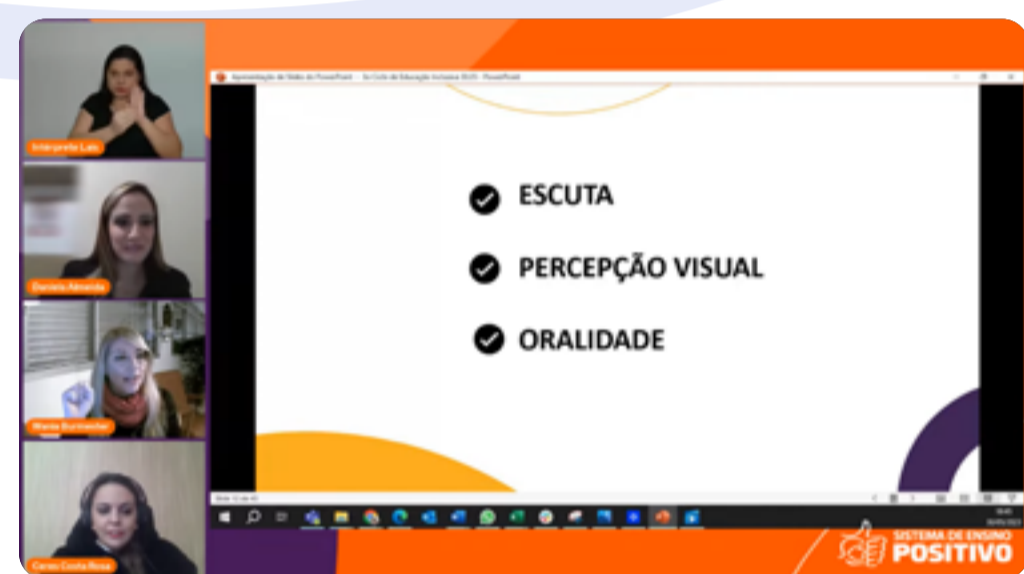
*Nomes fictícios

Lives



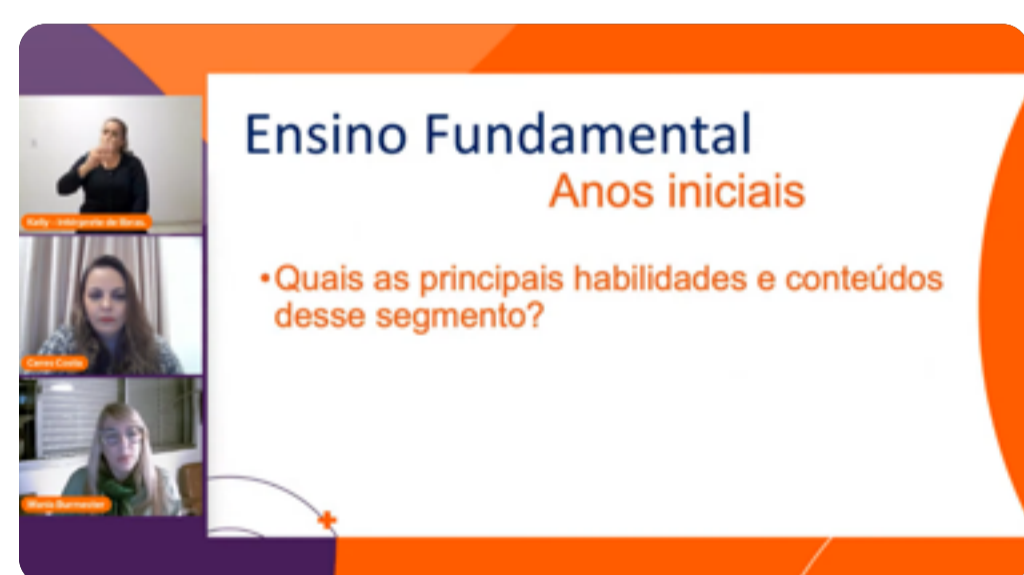
Ciclo de Educação Inclusiva

[Assista aqui!](#)



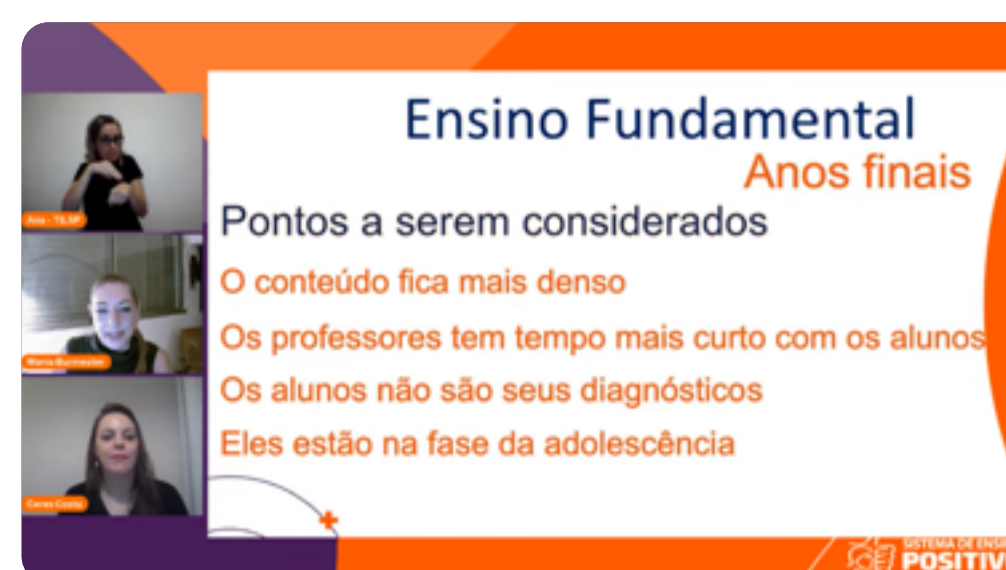
Ciclo de Educação Inclusiva 2023 - Educação Infantil

[Assista aqui!](#)



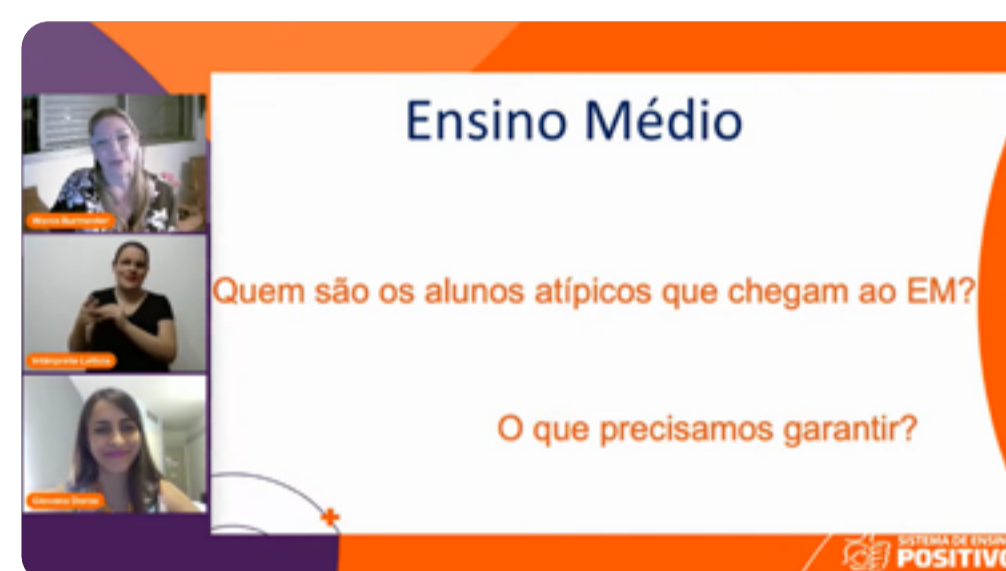
Ciclo de Educação Inclusiva - Ensino Fundamental Anos Iniciais

[Assista aqui!](#)



Ciclo de Educação Inclusiva - Ensino Fundamental Anos Finais

[Assista aqui!](#)



Ciclo de Educação Inclusiva - Ensino Médio

[Assista aqui!](#)



Ciclo de Educação Inclusiva - Avaliações

[Assista aqui!](#)



Ciclo de Educação Inclusiva - O que acontece depois da escola?

[Assista aqui!](#)

Indicações



1

1

Colegas (2012)

Conta a história de três grandes amigos que viviam juntos em um instituto para pessoas com Síndrome de Down (Trissomia 21), ao lado de vários outros colegas. Um belo dia, surge a ideia de sair dali para realizar o sonho individual de cada um e, inspirados pelos inúmeros filmes a que assistiram na videoteca local, eles roubam o carro do jardineiro e fogem. Para resolver o problema, dois policiais vão atrás dos jovens, que só querem realizar seus sonhos e estão dispostos a viver essa grande aventura, que vai se revelar repleta de momentos inesquecíveis.



2

2

Sobre rodas (2017)

Lucas é um menino que chega a uma nova escola depois de sofrer um acidente que o colocou em uma cadeira de rodas. Lá, ele se torna amigo de Laís. Os dois jovens iniciam uma jornada inesperada de amizade, empatia e descobertas.



3

3

Como eu era antes de você (2016)

Will leva uma vida repleta de conquistas, viagens e esportes radicais até ser atingido por uma moto, acidente que o torna tetraplégico. Louisa Clark é contratada para cuidar dele. De origem modesta, com dificuldades financeiras e sem grandes aspirações na vida, ela faz o possível para melhorar o estado de espírito de Will e os dois acabam se envolvendo.



4

4

O som do silêncio (2019)

O baterista Ruben começa a perder a audição. Quando um médico lhe diz que seu estado vai piorar, ele pensa que sua vida e carreira acabaram. Sua namorada, Lou, leva para um lar de reabilitação para surdos a fim de ajudá-lo a se adaptar à nova vida. Depois de ser bem recebido e aceito como é, Ruben deve escolher entre seu novo normal ou a vida como conhecia.



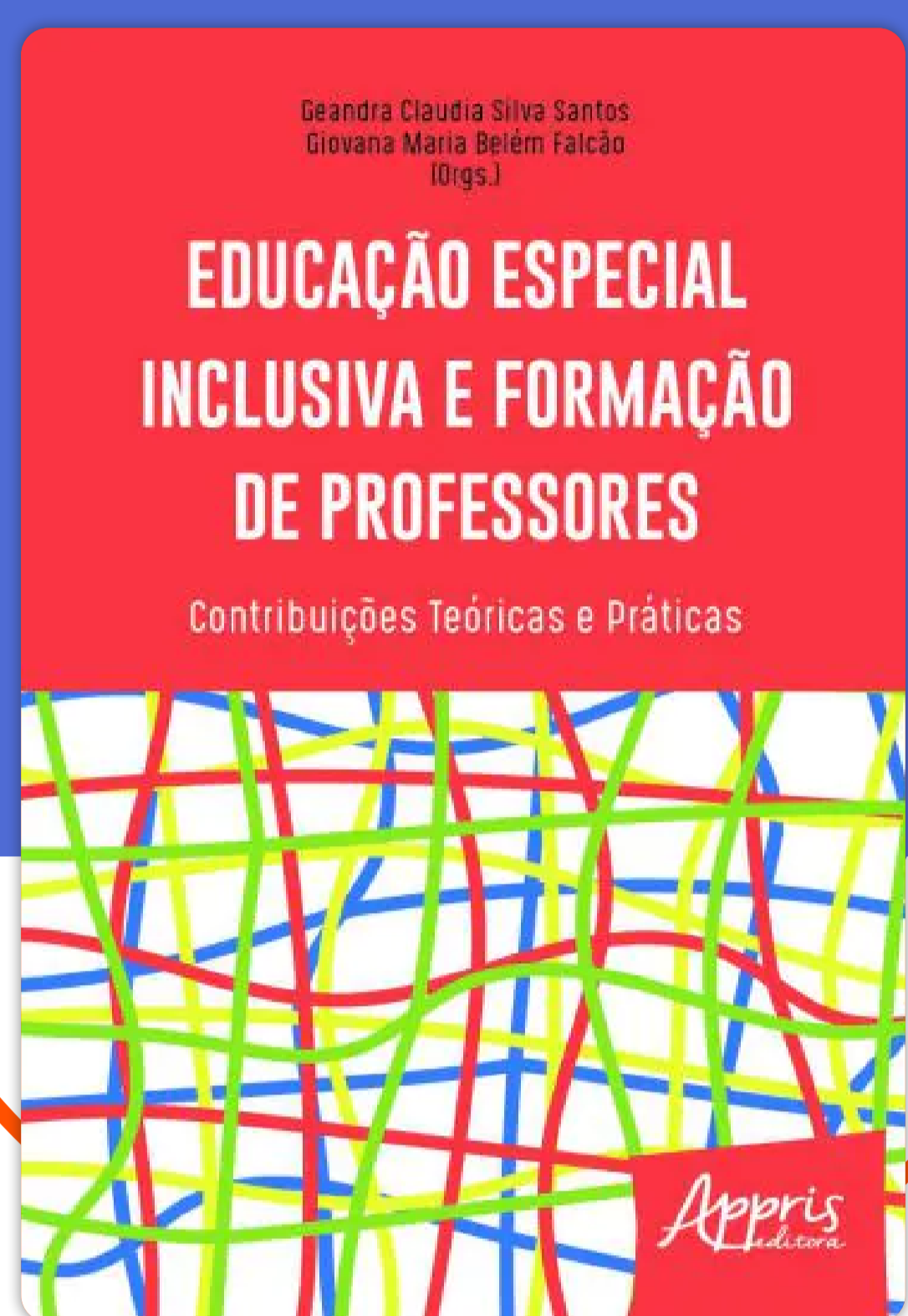
5

5

Cordas (2014)

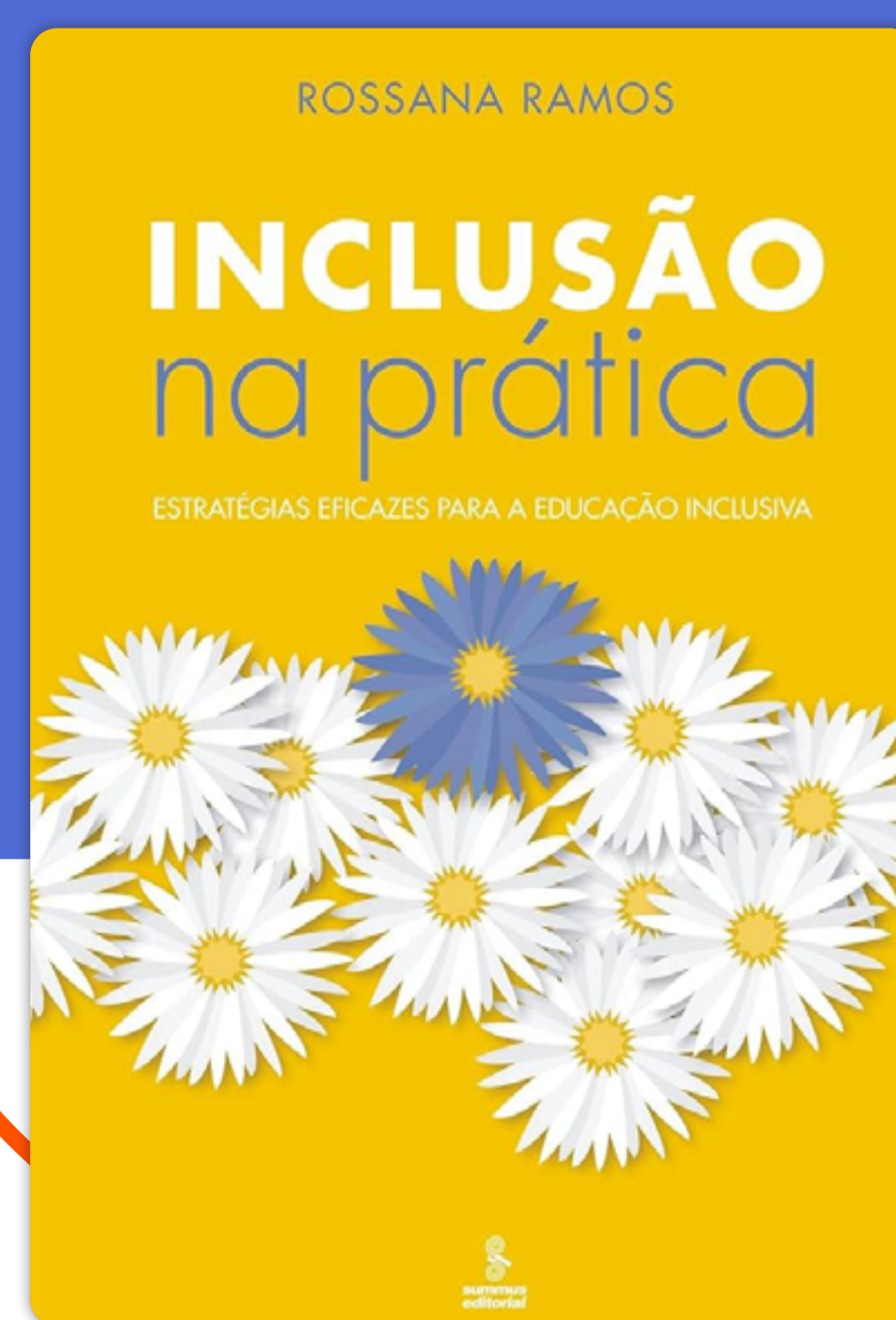
Baseado em fatos reais, o filme é uma lição de amor, amizade e respeito pelas diferenças. Conta a história de Maria, uma menina que vive num orfanato, e que cria uma ligação muito especial com um colega de classe que tem paralisia cerebral.

Indicações



Educação especial inclusiva e formação de professores: contribuições teóricas e práticas

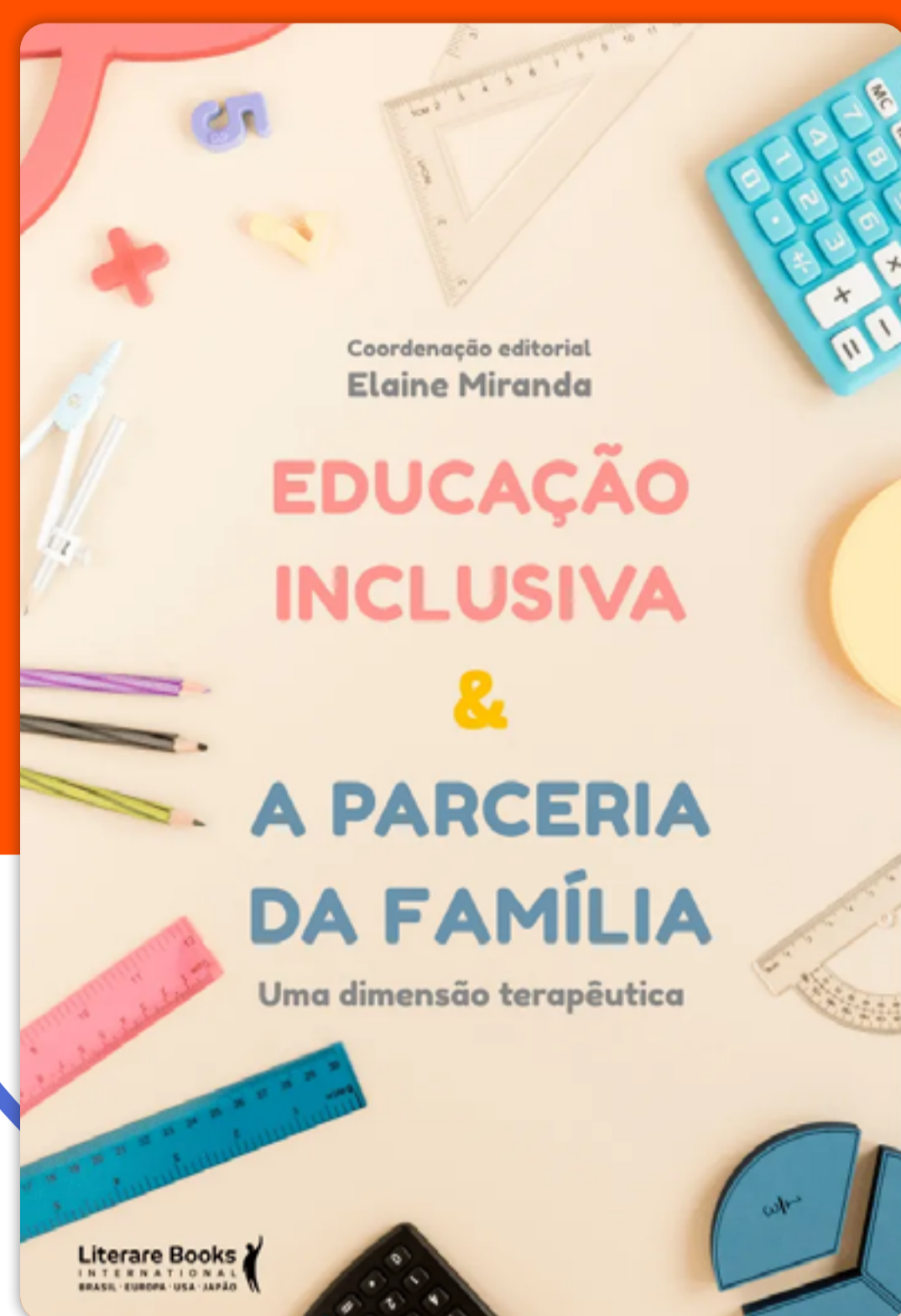
Os autores têm trajetórias de vida distintas, no entanto, encontram-se neste livro para partilhar suas vivências e reflexões. A obra é composta de nove escritos que abordam diversas perspectivas relacionadas à Educação Especial Inclusiva, possibilitando ricas reflexões sobre a formação docente e a educação dos alunos com desenvolvimento atípico em diferentes espaços e níveis de escolarização, dando-nos a certeza de que o debate sobre o tema é fértil e segue em construção. A multiplicidade de questões e debates que orbitaram em torno da formação de professores para atuarem na Educação Especial na perspectiva inclusiva anunciados nos textos evidencia a relevância social e a importância da temática para a educação brasileira



Inclusão na prática: estratégias eficazes para a educação

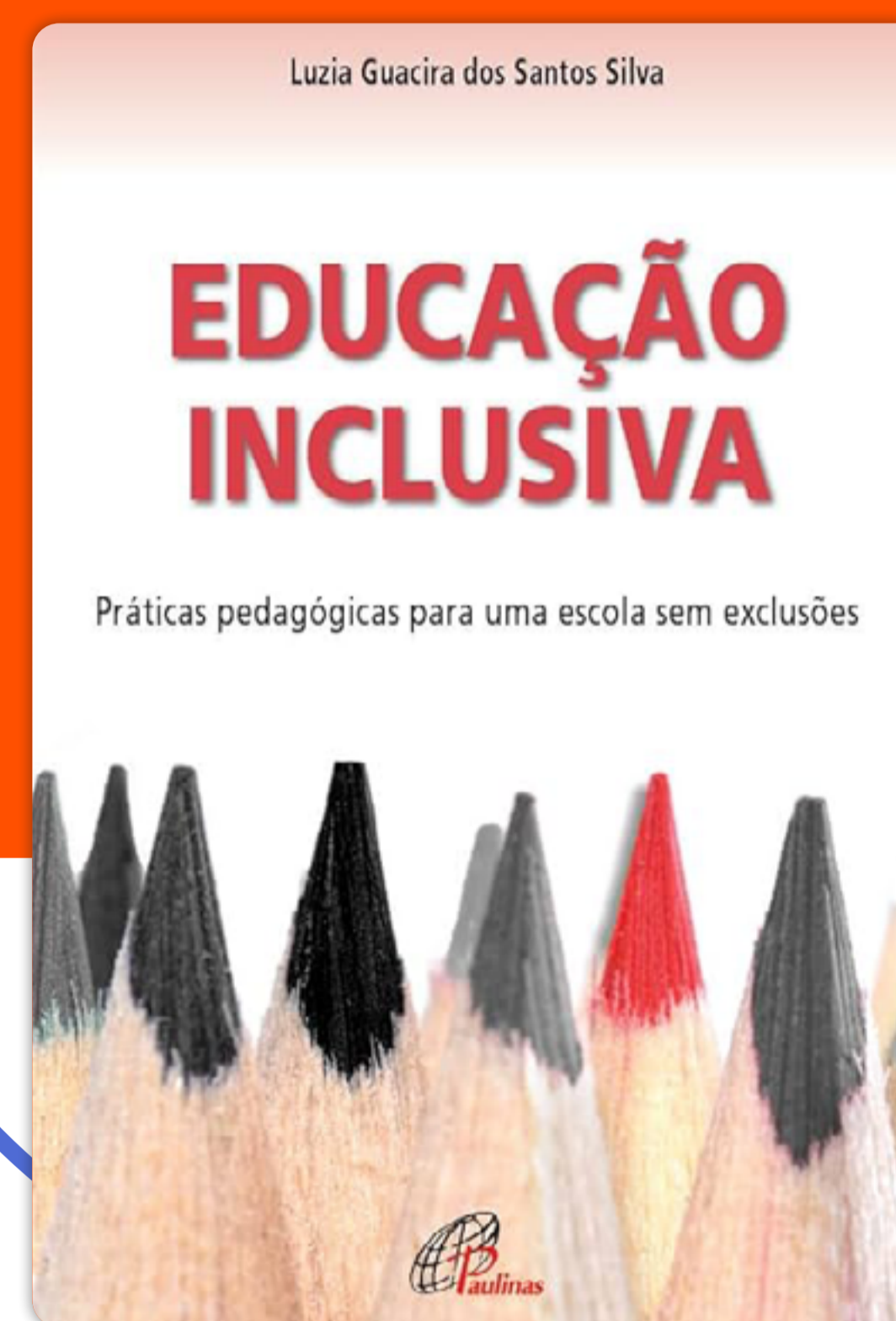
Atualmente as escolas brasileiras ainda têm dificuldade de lidar com as diferenças. Em linguagem simples e fundamentada teoricamente, a obra relata experiências bem-sucedidas e discute as questões reais do processo de inclusão, permitindo ao professor identificar os problemas que precisa solucionar.

Indicações



Educação inclusiva & a parceria da família: uma dimensão

O livro surge a partir de uma constatação: a urgência de proporcionar aos alunos e suas famílias uma educação inclusiva de qualidade, por meio da capacitação de professores e demais profissionais envolvidos nesse processo. Sempre pautados por evidências científicas, profissionais de formações distintas abordam o tema em seus diversos aspectos, proporcionando ao leitor uma visão mais abrangente sobre o assunto. Enriquecendo a discussão e tornando o conteúdo ainda mais completo, há também relatos de famílias, que compartilham suas experiências e impressões.



Educação inclusiva: práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões

O processo de inclusão de alunos com deficiência nas escolas comuns tem se constituído, para algumas pessoas, em momentos de angústia, insegurança, medo e, para outras, em busca por informação e formação sobre as possibilidades de otimizar ações pedagógicas prospectivas, condizentes com as potencialidades desses alunos. Partindo dessa realidade, o livro apresenta a discussão sobre termos e mitos em relação às pessoas com deficiência intelectual, auditiva, visual e física, e sugestões de estratégias e recursos didáticos que podem ser aplicados ao processo de ensino, considerando a diversidade, as diferenças e as deficiências dos alunos.

Perguntas feitas pelo chat

Caros gestores, professores e pessoas interessadas em refletir mais sobre educação inclusiva:

Este espaço é mais uma conversa, em que respondemos às perguntas e aos comentários feitos em nosso chat ao longo das lives do Ciclo de Educação Inclusiva de 2023.

Todas as respostas foram elaboradas com base em estudos, leituras e prática de sala de aula, com a intenção de fazer com que cada leitor possa criar sua própria prática e estratégia para atender à necessidade de cada aluno, na busca pela melhor aprendizagem.

Não temos a pretensão de trazer regras de conduta, receitas ou metodologias, pois cada criança/adolescente é único e tem suas especificidades. Buscamos trocar experiências, debater assuntos recorrentes na sala de aula e instrumentalizar a equipe pedagógica com sugestões, ideias e exemplos que podem servir ou não naquele momento, mas que também trazem a sensação de que não estamos sozinhos na luta pela inclusão.

Wania Emerich Burmester

Como a escola vai respeitar o tempo da criança cobrando nota e aprovação final?

Na verdade, todo processo de adaptação deve ser pensado e aprovado pela equipe pedagógica da escola. Assim, todos precisam ter clareza dos objetivos individuais e da expectativa para cada aluno. Isso não quer dizer que eles não possam ter provas e notas, mas que as provas e notas devem ser condizentes com o que foi planejado para cada aluno. Por isso a importância da elaboração do PEI.

O que fazer quando os colegas de trabalho não se dispõem para a inclusão efetiva da criança?

A inclusão efetiva da criança é um direito legal, que precisa ser respeitado por toda a equipe pedagógica. Não há argumentos para que isso não aconteça. Apesar disso, sabemos que ainda existe uma resistência velada, que circula pelos corredores das escolas por meio de linguagem capacitista, reclamações pela carga de trabalho, justificativas infundadas de falta de formação para esse tipo de trabalho.

Infelizmente esse tipo de atitude vai acontecer enquanto toda a sociedade não se conscientizar dos direitos e das necessidades individuais. O que podemos fazer para diminuir gradativamente esse tipo de resistência é não concordar com os colegas, trocar experiências positivas, apresentar possibilidades simples e práticas para situações do dia a dia, relembrar incansavelmente que o papel do professor é ensinar todos os alunos e não escolher quais alunos ensinar. Se cada um fizer seu trabalho, buscando fazer o melhor, com certeza vamos reduzir gradativamente esse tipo de comportamento.

Como trabalhar com aluno de Educação Infantil que tem resistência a texturas e tintas?

As crianças na Educação Infantil, independentemente de terem algum distúrbio, transtorno ou deficiência, estão na fase exploratória. Algumas texturas podem ser incômodas, em todos os casos, não é recomendado forçar a criança a se submeter a sensações às quais demonstra repulsa. Mas isso não impede que o professor ofereça tais experiências de formas diferentes, em ambientes e propostas diferentes, para tentar de alguma forma que a criança se familiarize com a sensação.

Quando não há esse movimento da criança de tentar experimentar, temos que respeitar e substituir o material a ser utilizado, trocando tintas por lápis de cor ou giz de cera, tentando oferecer pinceis mais longos, para que tenha menos contato com a tinta, sugerindo o uso de luvas, entre outros.

Vale todo tipo de recurso criativo para dar à criança a chance de experimentar, sem forçar, respeitando sempre seu limite.

Quando o aluno tem uma boa escuta, presta atenção, mas ainda não fala e emite sons mostrando fruição, o que fazer para ajudar?

São muitas as variáveis e, com isso, muitas possibilidades. É preciso entender se o aluno não fala porque tem apraxia de fala, por um mutismo seletivo, por vergonha, por questões de tônus muscular ou outro motivo.

Sugerimos conversar com a família e com os especialistas que o atendem, se tiver esse tipo de trabalho em andamento, para que, com mais informações sobre as especificidades do aluno, seja possível utilizar as orientações dos profissionais responsáveis para ajudá-lo em sala de aula também.

Caso o aluno ainda não esteja em acompanhamento terapêutico, sugerimos uma conversa com a família para encaminhamento.

De todo jeito, acolher o aluno, mostrando a ele que existem formas de comunicação alternativas, por meio de gestos, desenhos e até a escrita, é muito importante para que ele se sinta seguro.

A criança com laudo de TDAH e dislexia tem direito à adaptação de atividade?

Toda criança que não está aprendendo tem direito à adaptação de atividades. A criança está na escola para aprender, se isso não está acontecendo, é papel do professor pensar em estratégias alternativas.

Além disso, a Lei n. 14.254, de 2021, trata especificamente de direitos de crianças com TDAH, incluindo o direito a acompanhante.

Se já tenho três crianças autistas na sala de aula, como receber mais uma? Preciso garantir o desenvolvimento pleno da criança.

Realmente é papel da escola garantir o desenvolvimento pleno da criança. Para isso, o Estado sugere que as crianças com necessidades especiais tenham acompanhantes na escola, que possam contribuir para a aprendizagem e a inclusão efetiva. Não há limitação para o número de alunos com qualquer diagnóstico na sala de aula. O único limite legal, é quando a turma já tem o número total de alunos, compatível com a capacidade da sala de aula, situação em que nenhum aluno pode ser matriculado nessa turma. A recusa de matrícula, havendo vaga na turma, pode acarretar processo judicial com pena, para o gestor da escola, de privação de liberdade por até três anos.

Como a escola pode se posicionar em relação a pais que apenas suspeitam de uma possível deficiência de seu filho e chegam à escola exigindo possíveis adaptações? Como agir?

Como já abordado em questão anterior, vale lembrar que é papel da escola ensinar os alunos. E que os pais podem solicitar à escola um olhar mais apurado quando percebe que seus filhos não estão aprendendo, independentemente de laudos ou suspeitas.

Nós, do Sistema Positivo de Ensino, oferecemos as avaliações diagnósticas e formativas para que os professores possam mapear as aprendizagens dos alunos, ao longo do processo, para assim criar estratégias de recuperação das aprendizagens que ficaram defasadas. Esta é uma ação preventiva, de acompanhamento e ajustes no dia a dia pedagógico, para garantir melhor aprendizagem para todos.

Acreditamos que, no caso de uma criança que está em investigação para algum distúrbio, a parceria com a família é fundamental para dar suporte e construir esse resgate de aprendizagens.

O que o Positivo oferece de material adaptado?

O Sistema Positivo de Ensino oferece material ampliado, superampliado, em Braille, com impressão em cores específicas, de acordo com as necessidades individuais. Além disso, estamos sempre dispostos a conversar e entender as demandas das escolas, e sempre que possível atendemos às solicitações. Estamos inserindo nos Livros do Aluno os limitadores de leitura, iconografia específica e o ColorADD (sistema de identificação de cores para pessoas com daltonismo).

No que diz respeito a adaptações para alunos com diagnósticos como TEA, Síndrome de Down, TDAH, dislexia, entre outros, orientamos que as adaptações sejam personalizadas pela equipe pedagógica que conhece o aluno.

Se o aluno estiver matriculado em uma série incompatível com sua idade cronológica, como agir?

O recomendado é que o aluno esteja na série recomendada para sua idade, como acontece com todos os outros alunos típicos. Porém, se a escola receber um aluno que já está fora desse padrão, deve manter a sequência em que ele se encontra. Pode ser que, em algum momento, a família tenha se utilizado de liminar judicial para alterar a série vigente. O importante é que esse aluno continue na linha de raciocínio e progressão de séries, mas é importante sinalizar este fato para a supervisão de ensino que atende a escola.

Como trabalhar com crianças com mutismo seletivo?

O primeiro passo é ganhar a confiança dessa criança e estabelecer vínculo, sem cobranças. Estabelecer uma comunicação alternativa, seja por sinais, por cartões de comunicação não verbal, por meio da escrita ou de qualquer outro recurso com que criança e professor se sintam confortáveis.

Recomendamos comemorar cada conquista e reforçar a autoestima da criança, naturalizando a comunicação não verbal, mesmo com os colegas.

Se a criança se sentir segura, aceita e acolhida, terá mais chances de vencer os problemas e começar a falar.

No Enem, conseguimos ajudar o aluno solicitar de maneira correta aquele de que ele precisa para a acessibilidade?

O Enem e os vestibulares já contam com protocolos para atender algumas necessidades especiais, como garantir acessibilidade, salas reservadas, mais silenciosas, entre outros recursos.

Sugerimos verificar as regras de cada prova e orientar os alunos em suas especificidades. Com certeza eles ficarão mais confortáveis para realizar as provas. Essa é uma fase bem complexa para todos os adolescentes, dar as orientações claras e tranquilizá-los são sempre atitudes bem-vindas!

Como trabalhar expressões numéricas com um aluno que não consolidou as quatro operações e não lê números maiores que 100?

Neste caso, vale analisar as habilidades envolvidas na resolução de expressões numéricas e verificar se é possível desenvolver tais habilidades por meio de outro conteúdo. Outra sugestão é criar expressões numéricas com números menores, começando por expressões simples, envolvendo apenas duas ou três operações e evoluir gradativamente. Em paralelo, realizar trabalho de consolidação das quatro operações.

Se o caso aluno tiver muito comprometimento cognitivo, talvez ele não consiga chegar a realizar uma expressão numérica completa ou uma equação, então vale refletir sobre quais habilidades, conteúdos e informações são realmente necessárias para que esse aluno tenha certa autonomia na vida externa à escola. Lembrando que os ensinamentos da escola só tem sentido se servirem para a vida! Busque o que vai transformar a vida do aluno e invista nisso!



www.sistemapositivo.com.br